

Índice

CAPÍTULO UM — Por Favor, Tomem Conta deste Urso	9
CAPÍTULO DOIS — Um Urso em Água Quente	22
CAPÍTULO TRÊS — Paddington Viaja de Metro	35
CAPÍTULO QUATRO — Uma Excursão de Compras	48
CAPÍTULO CINCO — Paddington e o «Velho Mestre»	62
CAPÍTULO SEIS — Uma Visita ao Teatro	75
CAPÍTULO SETE — Aventura na Praia	88
CAPÍTULO OITO — Um Truque de Desaparecimento	101
Posfácio	115





Capítulo Um

POR FAVOR, TOMEM CONTA DESTES URSOS

Mr. e Mrs. Brown viram pela primeira vez Paddington numa estação de caminhos de ferro. Na realidade, o motivo pelo qual ele acabou por ter um nome tão estranho para um urso foi porque Paddington era o nome da estação.

Os Browns tinham ido esperar a filha Judy, que regressava a casa para as férias escolares. Era um dia quente de verão e a estação estava a abarrotar com as pessoas que se dirigiam para as praias. Os comboios ronronavam, os altifalantes gritavam, os carregadores corriam atarefados e berravam indicações uns para os outros e, no conjunto, o barulho era tanto que Mr. Brown, que foi o primeiro a avistá-lo, teve de dizer a mesma coisa várias vezes à mulher, antes que ela conseguisse ouvi-lo.

— Um *urso*? Na estação de Paddington? — Mrs. Brown olhou para o marido, espantada. — Não sejas tonto, Henry. Isso não pode ser!

Mr. Brown ajeitou os óculos. — Mas é — insistiu ele. — Eu vi-o nitidamente. Ali, ao pé do bicicletário. Tinha um chapelinho engraçado.

Sem esperar pela resposta, agarrou na mulher pelo braço e furou através da multidão. Contornou um carrinho carregado de chocolates e chávenas de chá, passou por uma banca de livros, e pelo meio de uma fila de malas de viagem que estava a ser conduzida para a secção de Perdidos e Achados.

— Ali está — anunciou ele, triunfante, apontando para um canto sombrio. — Eu bem te dizia!

Mrs. Brown seguiu a direcção do seu braço e conseguiu a custo distinguir um objeto pequeno e peludo escondido nas sombras. Parecia que estava sentado numa espécie de mala e tinha pendurada ao pescoço uma etiqueta com algumas palavras escritas. A mala era velha e estava muito maltratada e de lado, em grandes letras, alguém tinha escrito PERDIDA EM VIAGEM.

Mrs. Brown agarrou-se ao marido. — Olha lá, Henry — exclamou ela. — Afinal está-me a parecer que tu tinhas razão. É um urso!

Ela examinou-o de mais perto. Parecia-lhe um urso muito vulgar. Era castanho, um castanho um pouco surrado, e tinha um chapéu verdadeiramente esquisito, com uma grande aba, tal como Mr. Brown o descrevera. Por baixo da aba, dois grandes olhos muito redondos fitavam-na.

Percebendo que estavam à espera de que ele fizesse qualquer coisa, o urso levantou-se e, muito educadamente, tirou o chapéu, descobrindo duas orelhas pretas.

— Boa tarde — disse ele, numa vozinha muito límpida.

— Ehh... boa tarde — respondeu Mrs. Brown, hesitante. Fez-se um momento de silêncio.

O urso olhou para eles, intrigado. — Posso ajudá-los?

Mr. Brown ficou um bocado atrapalhado. — Bem... não. Aaa... estávamos precisamente a pensar se o poderíamos ajudar.

Mrs. Brown baixou-se. — És um urso muito pequenino — disse ela.

O urso encheu o peito de ar. — Sou de uma espécie de ursos muito rara — respondeu, cheio de vaidade. — Lá, de onde eu venho, já não existem muitos.

— E de onde é que tu vens? — perguntou Mrs. Brown.

O urso olhou em redor prudentemente, antes de responder. — Do interior do Peru. Na verdade, eu não deveria estar aqui. Sou um passageiro clandestino!

— Um passageiro clandestino? — Mr. Brown baixou a voz e olhou inquieto por cima do ombro. Quase que esperara ver um polícia atrás dele, com um bloco e um lápis, a tomar nota de tudo.

— Sim — confirmou o urso. — Emigrei, não sei se estão a ver. — Uma expressão triste ensombrou-lhe os olhos. — Eu vivia com a minha tia Lucy, no Peru, mas ela teve de ir para um lar para ursos reformados.

— Estás a dizer que vieste da América do Sul completamente sozinho? — exclamou Mrs. Brown.

O urso assentiu. — A tia Lucy sempre me disse que queria que eu emigrasse assim que tivesse idade. Foi por isso que me ensinou a falar inglês.

— Mas como é que fizeste para comer? — perguntou Mrs. Brown. — Deves estar a morrer de fome.

Baixando-se, o urso abriu a mala de viagem com uma chave, que trazia também pendurada ao pescoço, e tirou de lá um boião de vidro quase vazio. — Comi compota — disse

ele, muito orgulhoso. — Os ursos gostam de compota. E vivi num barco salva-vidas.

— Mas o que é que vais fazer agora? — disse Mr. Brown. — Não podes ficar simplesmente sentado na estação de Paddington à espera do que há de vir.

— Oh, vai tudo correr bem... espero. — O urso baixou-se para voltar a fechar a mala. Nesse momento, Mrs. Brown apercebeu-se do que estava escrito na etiqueta. Dizia, simplesmente, POR FAVOR, TOMEM CONTA DESTE URSO. OBRIGADA.

Ela voltou-se, suplicante, para o marido. — Oh, Henry, o que é que nós vamos fazer? Não o podemos abandonar aqui. Não se sabe o que é que lhe pode acontecer. Londres é uma cidade tão grande, quando não se tem para onde ir. Ele não pode vir connosco e ficar em nossa casa durante alguns dias?

Mr. Brown hesitou. — Mas, Mary, minha querida, não o podemos levar... assim sem mais nem menos. Bem vistas as coisas...

— Bem vistas as coisas, *o quê?* — A voz de Mrs. Brown soava muito decidida. Olhou para o urso. — Ele é tão querido. E era uma excelente companhia para o Jonathan e para a Judy. Mesmo que seja só por algum tempo. Eles nunca nos perdoariam se soubessem que o tínhamos deixado aqui ficar.

— Isto parece-me tudo altamente ilegal — disse Mr. Brown, hesitante. — Tenho a certeza de que existem leis sobre isto. — Baixou-se. — Gostavas de vir para nossa casa? — perguntou. — Isto é — acrescentou precipitadamente, sem querer ofender o urso —, se não tiveres outros planos.

O urso saltou e quase deixou cair o chapéu, tal era a excitação. — Oooh, sim, por favor. Eu adorava. Não tenho para onde ir e as pessoas parecem todas tão cheias de pressa.

— Então, está decidido — disse Mrs. Brown, antes que o marido se lembrasse de mudar de ideias. — E podes comer compota ao pequeno-almoço todos os dias, e... — esforçou-se por se lembrar de mais alguma coisa de que um urso pudesse gostar.

— *Todos* os dias? — O urso parecia mal poder acreditar no que ouvia. — Em casa só comia compota em ocasiões especiais. No interior do Peru, a compota é muito cara.

— Então, a partir de amanhã, podes comê-la todos os dias — continuou Mrs. Brown. — E, aos domingos, mel.

Uma expressão de preocupação toldou o rosto do urso. — E isso fica muito caro? — perguntou ele. — É que, sabem, eu não tenho muito dinheiro.

— De maneira nenhuma. Nem nos passava pela cabeça aceitar dinheiro nenhum. Esperamos que tu faças parte da família, não é verdade, Henry? — Mrs. Brown procurou o apoio do marido.

— É claro — disse Mr. Brown. — A propósito — acrescentou —, se *vens* viver connosco, é melhor saberes os nossos nomes. Esta é a Mrs. Brown e eu sou o Mr. Brown.

O urso ergueu educadamente o chapéu, duas vezes. — Eu não tenho propriamente um nome — disse ele. — Só tenho o meu nome peruano, que ninguém consegue perceber.

— Então é melhor arranjarmos-te um nome inglês — disse Mrs. Brown. — Torna as coisas muito mais simples. — Olhou em redor, à procura de inspiração. — Devia ser um nome muito especial — disse ela, pensativa. Mal acabara de falar, uma das máquinas de comboio estacionada num dos cais soltou um apito estridente e um comboio começou a avançar. — Já sei! — exclamou ela. — Encontrámos-te na estação de Paddington, portanto vais chamar-te Paddington!